

Brasil e bancos credores assinam protocolo do acordo da dívida

SILVIA FARIA
Enviada especial

WASHINGTON — A equipe negociadora da dívida externa brasileira fechou na madrugada de ontem o **term-sheet** (protocolo do acordo) com o comitê de bancos credores, em Nova York. O contrato será agora submetido ao Senado, enquanto os bancos têm prazo de 70 dias para responder formalmente ao comitê sobre sua decisão de se submeter a seus termos. A assinatura do protocolo, que segundo um alto funcionário do FMI foi “o melhor que poderia acontecer neste momento”, surpreendeu os próprios banqueiros pela rapidez com que aconteceu.

Assim que houver adesão de 95% dos bancos, o Brasil terá que desembolsar a primeira das três parcelas referentes a 50% dos juros da dívida, incidentes no período posterior à negociação do acordo (junho último). Segundo um membro da comitiva brasileira que acompanha o ministro Marcílio Marques Moreira à reunião anual do FMI e do Banco Mundial, iniciada ontem, o apoio do fundo e do Governo americano foi fundamental para o êxito das negociações.

A delegação brasileira conta como certa e rápida a aprovação do **term-sheet** pelo Senado. O senador José Fogaça (PMDB-RS), que veio a convite de Marcílio à reunião em Washington, disse que “os interesses do Brasil estão acima da crise política”. E o ministro afirmou que “a economia de mercado — ainda que incipiente — assim como o funcionamento das instituições, mostram que o país tem um rumo”.

As autoridades brasileiras acreditam que os bancos só terão assinado os contratos para o refinanciamento da dívida privada, de cerca de US\$ 42 bilhões, em junho do próximo ano. O ministro Marcílio atua nos bastidores, no entanto, para abreviar este prazo. Em janeiro, o comitê credor espera já ter obtido a adesão dos bancos às alternativas de bônus que mais lhes atraiam, entre os seis tipos oferecidos pelo acordo. A assinatura de contratos é demorada em qualquer situação, lembram os negociadores, citando o exemplo do México, que fechou o acordo em fevereiro e só concluiu a assinatura de contratos em dezembro.

A declaração do diretor do Hemisfério Ocidental do FMI, Storie Beza, esta semana, mostrando flexibilidade no tratamento dispensado ao Brasil, apesar da suspensão do acordo firmado com o país, influiu para que os bancos assinassem o **term-sheet**. Michal Gartenkraut, ex-negociador brasileiro junto ao fundo, que se encontra em Washington, considerou surpreendente e favorável a posição do FMI. E ressaltou que o programa econômico brasileiro só não está melhor porque a inflação ainda não baixou. Marcílio ressaltou, porém, que isto só ocorrerá após o desfecho da crise política, para o qual não quis dar prazos.